

País vai renegociar dívida externa buscando as mesmas vantagens do México

- 4 OUT 1986

ESTADO DE SÃO PAULO

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

As vantagens concedidas pelos bancos estrangeiros ao México, que incluem uma redução significativa dos spreads (taxas de risco) cobrados daquele país, serão o ponto de partida da nova rodada de negociações da dívida externa brasileira, segundo disseram ontem os ministros Dilson Funaro, da Fazenda, e João Sayad, do Planejamento, ao presidente José Sarney, durante uma reunião realizada no Palácio do Planalto. Os ministros mostraram-se muito otimistas com a possibilidade de o Brasil vir a conseguir, na próxima rodada de negociações com os seus credores no Exterior, condições de pagamento até mesmo melhores que aquelas conseguidas pelo México.

Para os ministros Funaro e Sayad, se os bancos estão dispostos a conceder uma série de vantagens ao México, cuja economia tem encontrado maiores obstáculos a uma política de ajustamento que a brasileira, não terão como se negar a favorecer ao Brasil, que tem sido um cliente exemplar no pagamento pontual dos seus compromissos.

FMI

Os ministros não acreditam, segundo se informou no Palácio do Planalto ao final da reunião com o presidente, que o Brasil deixe de obter certas vantagens na negociação da sua dívida externa, por se recusar a aceitar o monitoramento do Fundo Monetário Internacional (FMI).

Os bancos privados estrangeiros — conforme explicaram ao presidente Sarney — já aceitam tranquilamente a posição do governo brasileiro de não ser monitorado pelo FMI. Quem vem, segundo eles, relutando em acatar esta posição são os representantes do Clube de Paris (autoridades dos governos dos países ricos) e, principalmente, as autoridades do governo dos Estados Unidos. Isso — admitiram — cria algum problema para o Brasil, que deve US\$ 7,9 bilhões de dólares ao Clube de Paris. Mas entendem que este "é um problema perfeitamente administrável", haja visto que o Brasil decidiu, unilateralmente, fixar sua própria forma de pagamento dos juros da dívida externa contraída com o Clube de Paris, sem que tenha ocorrido qualquer negociação. Se esta negociação continuar não ocorrendo por-

que o País não vai aceitar o monitoramento do Fundo, então, segundo Sayad e Funaro, tudo o que se tem a fazer é deixar as coisas como estão. E o Brasil continua pagando o que deve de forma unilateral e, ao que reitera o ministro Funaro, o governo brasileiro "tem certeza de que ninguém vai devolver o cheque". No que se refere às amortizações com o Clube de Paris, elas também continuarão a ser feitas caso a caso, através de acertos individuais com cada um dos credores, especificamente.

MÉXICO

Os ministros da Fazenda e do Planejamento, segundo se informou no Palácio do Planalto, entendem que as condições concedidas pelos bancos privados do México, na renegociação da dívida externa daquele país, são um fato auspicioso para todos os demais devedores e, principalmente para o Brasil, o principal devedor. É certo — assinalam os ministros — que o poder de barganha de todos os devedores se fortalece ante o exemplo mexicano.

Entre as condições concedidas ao México pelos credores estrangeiros, destacam-se um spread mais baixo, de 0,8125% (contra os 1,125% cobrados ao Brasil), nas apenas para o dinheiro novo; concessão de novos empréstimos, no valor de US\$ 500 milhões, caso o país não registre crescimento econômico; e o estudo da concessão de novas vantagens ou redução do fluxo de pagamento, caso os preços do petróleo no mercado internacional sofram nova baixa.

PRÉCEDENTE

Embora o Brasil, segundo a posição do governo brasileiro, não necessite de dinheiro novo mediante "jumbos", ou pacotes consolidados de aporte de recursos, entende que a fixação de uma taxa menor de spread abre um precedente seguro para a negociação geral de taxas menores. O dinheiro novo que o Brasil deseja — lembraram os ministros durante a reunião com o presidente da República — é o dinheiro vindo dos empréstimos voluntários.

Além da questão do endividamento externo brasileiro, os ministros da Fazenda e do Planejamento examinaram ainda, na reunião com o presidente, as questões ligadas à área de abastecimento.